

Revista das revistas

“Contemporanea” — numero 7

«Não fazem mal as musas aos doutores» opinava sentencioso e risonho aquele Antonio Ferreira cujo nome o sr. Julio Dantas — julgando-o indigno de assinar *A Castro* — substituiu pelo seu. E' justa e acertada a frase, confessemos-lo; aberto, porém, o precedente de nos julgarmos superiores aos mestres — vidé acima o que dito fica do actual presidente da Academia — julgo do meu dever declarar que a frase em questão me parece incompleta. Não é só aos doutores que as musas não fazem dano, meus amigos; se um fabiano se põe a escabichar a sua erudição logo de para com um Hans Sachs que era sapateiro, um Gil Vicente que cinzelava maravilhas no oiro indiano, uma turba-multa de fazedores d'autos e misterios que se ia arregimentar nas velhas corporações de artes-e-oficios e, nas horas vagas, entretinha a veia conversando amigavelmente com as nove do Parnaso. E a coisa continua a verificar-se ainda nos nossos dias: os leitores sabiam que há em Paris um poeta — Charles Guérin, julgo eu — que é, simplesmente, chefe de policia? Como vêm, não há mais democratico mister que o de fazer versos: todas as profissões lhe agradam e com ele se coadunam, desde cnumeco de porta de escada até discipulo de Esculapio. Minto: até gatuno e salteador: haja vista aquele celeberrimo François Villon que teve a cabeça varias vezes dependente duma corda, aquele Villon ladrão e assassino que o macabro *verger du roi Louis* se empenhava em possuir e cujos feitos no capitulo poucas vergonhas esse verborreico e brutal Richepin com tanto entusiasmo celebra:

Tu fus le père des bons drilles

*Dont tu remplis le corbillon;
Et pour de telles peccadilles
Tu faillis, quittant le sillon,
Au gibet comme échantillon
Pendre, figure racornie
Dont la pluie eût fait un bouillon,
Escroc, truand, marlon, génie!*

...Como V. S.^{as} estão vendo a frase de mestre Antonio Ferreira, ex-autor da tragedia *A Castro*, peca por incompleta e neste momento, o amigo Banana por mandado do sr. Julio Dantas está-me propondo para edificação das gentes a seguinte gorda e succulenta rectificação: «Não fazem mal as musas a ninguém em especial, mas a muita gente em particular.» V. S.^{as} não podem negar que esta esplendida afirmação tem mesmo cheiro ao illustre presidente da nossa Academia. Adoptemo-la, pois, já que tributarios somos de s. ex.^a pelo que respeita ao Antonio Ferreira! E dela nos socorrendo, entremos no miolo do assunto que nos sugere este artiguinho e o qual é — o ultimo numero da *Contemporanea*.

* * *

Pondo de parte o discurso do sr. Rogerio Garcia Perez que Vasquez Dias saudou com um *Olé y Maria Santissima!* tão saleroso que até parece impossivel, deparamos no numero referido — o n.º 7 — com uma salada tão esquipatica, indigesta e incongruente que, os ovos cosidos, de tragica memoria para os doentes de estomago e tripas, ficam reduzidos á mais candida e inocente de todas as iguarias. Há versos (?) do sr. dr. Henrique de Vilhena, intellectualidade da minha muita consideração e respeito; há versos (?) franceses do sr. Fernando Pessoa que põe acima da sua as linguas da estranja; e, como acepipe luculiano temos — já que a *Contemporanea* é uma revista feita expressamente para gente civilizada e expressamente feita para civilizar gente — as locubra-

ções filosóficas do grande escritor sr. André Brun que até parece incrível como ainda não está na Academia.

Comecemos pelo sr. dr. Henrique de Vilhena, pois que, *à tout seigneur tout honneur*. Do trecho publicado pela *Contemporanea* se infere que s. ex.^a tem um coração de oiro visto como, ainda são as emoções puras e ingenuas aquelas que lhe sugerem commercio com as Musas. Mas, o sr. dr. Vilhena que me dizem aqui ao ouvido ser uma autoridade em questões médicas, está convencido, como afirma, de que a mãe, lá porque viu o filhinho morto, caisse logo morta também?

*Nisto a infortunada mãe levanta-se
Aflita,
E logo cae para o lado, estertorosa,
E morre,
Nos braços o filhinho morto!*

Oh, sr. doutor, eu confesso que todo o trecho me deixou ficar parvo, idiota, azabumbado... V. Ex.^a quiz escrever prosa ou verso? V. Ex.^a lembra-se daquelle fabiano que preguntava ancioso a todo o mundo:

*Porque é que toda a gente
Tem o habito grotesco
De dizer que o pão é quente
Quando o pão é fresco?*

E' o meu caso: ainda estou para saber se a *Pobre mãe!* é verso, por as linhas não chegarem até ao fim, consoante à definição do sr. André Brun na *Morgadinha de Valfior*; ou se é prosa, visto nenhuma característica possuir de verso, segundo a minha humilima opinião. V. Ex.^a está convencido de que fez versos, sr. dr. Henrique de Vilhena? E se são versos — confesso que não sei — achá que mereciam publicação? Não lhe parece a V. Ex.^a que, dado o seu

saber medico, a sua erudição e o seu gosto pelas artes e belas letras, o que estava mesmo a calhar para o seu illustre espirito de homem de sciencia era o de destronar — com toda a justiça — nos estudos medico-literarios o sr. Julio Dantas que tantissimas asneiras tem escrito com grave prejuizo dos caixeiros que o leem e aplaudem? Não lhe parece igualmente que é um crime não termos quem seriamente se dedique a esses estudos e nos dê obra sem facciosismos nem atrapalhado fardel de tolarias? Lembrarse a gente do que o sr. Julio Dantas tem escrito! e de que ainda não há muito tempo li no *Arquivo de Medicina Legal* um estudo do sr. dr. Asdrubal de Aguiar sobre o *Masochismo psychico de Soror Mariana Alcoforado*, aonde a anomalia em questão era por tal forma generalizada que a gente ficava sem saber aonde é que ela começava e aonde ia acabar...

* * *

Temos a seguir o sr. Fernando Pessoa com *Trois chansuons mortes*, ás quaes o ilustrador ajuntou um elegante dos tempos idos brandindo um salpicão alentejano. O primeiro reparo a fazer abona-se ainda com as tremendas censuras que o dr. Antonio Ferreira dirigiu a Andrade Caminha por este poeta se ter permitido escrever noutra lingua que não a sua. E neste momento me ocorre á memoria aquella nobilissima passagem em que o Eça afirma ser dever de todos os portugueses o conhecerem primorosamente a lingua do seu paiz e mal, muito mal mesmo, a das outras terras!... Um português para ser illustre precisa de escrever o francês como o escreveria Boileau? Que raio de chalaça é esta de escrever em francês, lingua fanhosa e pobre por excelencia, quando a nossa é das mais belas, harmoniosas e ricas? Sabe o sr. Fernando Pessoa quantos termos há em Portugal para designar esta coisa simples — a agulha do pinheiro? Oitenta e tal, sr. Pessoa... A que diabo vêm os seus versos em francês? Não seria melhor... aprender a sua lingua natal?

...Mesmo porque as suas *Trois chansons mortes* — tão distantes por um leve tom verlainiano daquele sensacionismo exibido em certas composições do *Orpheu* aonde uma bola de bilhar descia e subia pelas costas dum desventurado (!!!) estas três canções têm durezas bovinas que me fizeram pensar se porventura o sr. Fernando Pessoa me não teria tomado por aficionado ou pegador de toiros do Palha Blanco. Oh! Pae da vida! que descoloridos, que frouxissimos e que duros versos os da suas *Chansons*! Aquilo tudo, pensado em português e em português redigido, não seria melhor; muito melhor mesmo, sr. Fernando Pessoa! Arre diabo! apanhei cornada até mesmo no céu da boca... Agora mesmo acabo de proceder á extracção desta esquirola, quasi assassina:

*Pour que le jour
Vous sois frais, je vous fais ce sombre
Sejour.*

Oh da guarda! Levem-me para a enfermaria!...

* * *

E somos chegados finalmente, depois de farta risota com o *Karma* (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9) do sr. Van Hoerter Teles Machado — oh que deliciosa panacea ó moços do meu paiz, para neurastenicos hamleticos! somos chegados aos *Pia*, para e charadexos do grande escritor sr. André Brun.

Mas, grande espanto me causa a *Contemporanea* só agora, ao cabo de seis numeros, se houvesse capacitado desta profunda verdade: o sr. André Brun é um dos mais illustres escritores portugueses.

Quê? só agora *post tot tantos que labores*. Os srs. não sabiam que o sr. Pia-Brun, autor de pensamentos formidaveis — com este que a *Contemporanea* exhibe no seu n.º 7:

Todos os dias pedimos no Padre Nosso que a Pro-
21

videncia nos não deixe cair em tentação. Ora não seria melhor que ela não no-la apresentasse, se é que tem algum empenho em nos ser agradável?

Os srs. não sabiam que esta bestialidade filosofica de capitão de cavalos é do mesmo sr. Para-Brun que escreveu tão desgarradoras pilherias no *Sem pés nem cabeça*, e do sr. Chara-Brun que até traduzia Shakspeare no *Mercador de Veneza*? Parece impossível, sr. José Pacheco, até parece impossível que V. S.^a para me civilizar não tivesse há mais tempo escarapachado na sua revista o retrato de tão ilustre personagem e conservasse de remissa, tanto tempo! pensamentos como estes — *feitos expressamente para civilizar fabianos renitentes.*

Os que cantam as belezas do lar inspiram-se nos esforços que veem fazer a muito idiota para ter varios (Piramidalmente espantoso este pensamento! Ah, Larochefoucauld! que estúpido me saiste!)

A beira-mar é ainda um grande espectáculo para os que sabem contemplá-lo de costas voltadas para a janela e jogando o poker (Ah!!!!!!!!!!!!!!)

Ser discreto dentro da hipocrisia mundana consiste principalmente em não espalhar as indiscrições perigosas dos outros. (Oh senhores aonde é que este homem foi buscar tanto talento?)

Na sua quasi totalidade os grandes homens parecem-nos maiores porque nos põmos de cócoras para os contemplar. (tremendo! admiravel, veneravel, respeitavel!)

E estavam os senhores da *Contemporanea* tão calados com isto, com estas joias literarias da mais pura agua!... Mas, do mal o menos: Já cá o temos, o nosso André Brun. *Enfin, Malherbe vint...*

...Malherbe não; o sr. André Brun!...

Alvaro Maia

O Cinema

“A Sereia de Pedra”, de D. Virgínia de Castro e Almeida

Dizia eu, no anterior numero da *Revista Portuguesa*, que a cinematografia entre nós, estava atrasada dez anos. Gostosamente venho hoje rectificar essa afirmação e isso porque assisti há dias á passagem da fita «A Sereia de Pedra» que, pela sua factura, entrecho, cuidados de «mise-en-scene» e sobretudo intelligencia, coloca a industria dos «films» portuguezes a par do melhor que no estrangeiro tem creditos de bom.

Deve mesmo dizer-se, sem receio de erro, que as fitas portuguezas principiam na «Sereia de Pedra».

Tudo o que anteriormente se tem feito, são apenas tentativas que a beleza deste «film» faz tomar em conta de boas vontades.

A sr.^a D. Virgínia de Castro e Almeida, espirito de mulher superior, sensibilidade de artista já bastante affirmada em produções literarias, emprestou á direcção da «Sereia» todo o poder do seu talento e porque pela primeira vez a intelligencia foi posta ao serviço da cinematografia, resulta que a «Sereia de Pedra» marca com justiça o inicio da arte de fazer fitas em terra portuguesa.